

# 5

*Discurso na visita à Usina Hidrelétrica*

*Luís Eduardo Magalhães*

**LAJEADO, TO, 6 DE JULHO DE 2001**

Serei bastante breve. Não preciso nem me referir a todos os que aqui estão, porque já foram referidos pelo Doutor Jorge. Mas eu queria dizer que o fato de estarmos aqui e de vermos tantos brasileiros envolvidos numa obra desse porte, e o que foi dito há pouco, tudo que está aqui, incluindo essas máquinas que aqui estão, atrás das turbinas, tudo é fruto do trabalho feito no Brasil. É, na verdade, o voto de confiança de todos nós no futuro do Brasil.

Concordo com o que disse o Doutor Jorge ao terminar suas palavras. Um país como o nosso, com tantos problemas, mas com tanta vontade de vencê-los, só pode vencer, e está vencendo, com as mãos dadas: iniciativa privada, setor público, municipal, estadual – como é o caso aqui – e federal, com o espírito de convergência e de cooperação.

A crise que estamos ultrapassando, que é essa crise de energia elétrica, é momentânea. Vamos ultrapassá-la. Ontem, apresentei ao país as linhas fundamentais que estamos implementando para superar essas dificuldades, não apenas momentâneas, mas para termos um horizonte de crescimento.

Os dados aqui de 200 megawatts, 120 megawatts, firmes, são verdadeiros. Quer dizer, temos uma riqueza extraordinária. A termelétricidade pode ancorar, pode apoiar, mas não substitui a hidreletricidade. Não só porque seria quase impensável, não há gás para tanto, mas porque seria mais caro. A vantagem dessas usinas termelétricas é que o custo é barato e há a vantagem ambiental, pois é uma energia limpa.

Claro, nós vamos, neste momento, necessitar mobilizar todos os recursos disponíveis, inclusive a biomassa. Temos um programa bastante ambicioso da utilização da biomassa, sobretudo nas zonas de cana-de-açúcar, porque é uma maneira, inclusive, de controlar os malefícios ao meio ambiente. Podemos utilizar os detritos da plantação de cana para a produção de energia.

Vamos ter energia eólica, mas os números são flagrantemente contrastantes. Uma usina eólica, para gerar o álcool semelhante a esta usina, precisa de muito vento para poder dar um rendimento comparável. E sai mais cara.

De modo que não podemos deixar de recordar ao Brasil que a nossa matriz energética é, e vai continuar sendo, hídrica. Vamos ter que prestar mais atenção ao uso dos reservatórios para evitar o que está acontecendo agora, ou seja, que uma estiagem prolongada, uma das maiores de que tivemos notícia, realmente afete a nossa capacidade geradora.

Mas, ao dizer que precisamos ter cuidado no manuseio da água nos reservatórios, não estou de antemão dizendo que vamos por isso mesmo condenar a energia hídrica. Seria um suicídio que o Brasil não vai cometer. Pelo contrário. Estamos tirando todas as lições do que está ocorrendo para vislumbrar um futuro mais seguro, mais tranqüilo.

Iniciativas como as deste grupo de sócios seus, do Grupo Rede, da IDP, dos grupos estrangeiros, dos grupos nacionais que aqui estão, é que vão permitir um horizonte de maior tranqüilidade, com mais e mais investimento.

A discussão sobre se vai ser estatizado, se é estatal ou se é privado, é ridícula. Precisamos é de dinheiro, venha de onde vier, para poder crescer. E essa discussão já passou. É uma coisa antiquada, coisa antiga ou então em defesa de interesses corporativos. Só pode ser se for público. Por quê? Se o governo não tiver dinheiro, tem que ser feito. O povo precisa de energia.

Se for possível financiar, em vez de colocar dinheiro do imposto, é melhor, porque o dinheiro volta para o Governo para servir mais ao país. Mas essa discussão é ultrapassada, não tem sentido. O que tem sentido é qual é o objetivo. E o objetivo é um só: fazer o Brasil crescer, prosperar e ser melhor para o seu povo.

Em nome desses objetivos, muitos estão cooperando para que eles sejam realizados. Eu agradeço. E ao agradecer, agradeço também aos trabalhadores, aos técnicos, a todos que aqui estão, porque sem eles esta usina não poderia ser construída também.

Muito obrigado.